

Vida sexual depois dos 60: risco ou prevenção diante das infecções sexualmente transmissíveis?

Sex life after 60: risk or prevention against sexually transmitted infections

Vida sexual después de los 60: ¿riesgo o prevención contra las infecciones de transmisión sexual?

Recebido: 01/09/2022 | Revisado: 20/10/2022 | Aceitado: 18/03/2023 | Publicado: 23/03/2023

Isabela da Costa Monnerat

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7658-8048>
Centro Universitário Serra dos Órgãos, Brasil
Email: belamonnerat@gmail.com

Jackson Freire Benedito de Azevedo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1519-9895>
Centro Universitário Serra dos Órgãos, Brasil
Email: jacksonazevedof@yahoo.com

Livia de Souza Câmara

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6848-3852>
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Email: liviacamara88@gmail.com.

Renata Mendes Barbosa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9793-2781>
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Email: renatamendes.rm1977@gmail.com

Verônica Peres Gonçalves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1637-2442>
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
E-mail: enfaveronica@gmail.com

Selma Villas Boas Teixeira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8799-0243>
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
E-mail: selma.teixeira@unirio.br

Benisia Maria Barbosa Cordeiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7416-0248>
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
E-mail: enf.benisia@gmail.com

Leila Rangel da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1831-0982>
Centro Universitário Serra dos Órgãos, Brasil
E-mail: leilasilva@unifeso.edu.br

Resumo

A população está em franco processo de envelhecimento e com a manutenção das práticas sexuais, o risco de adquirir Infecções Sexualmente Transmissíveis torna-se elevado. O objetivo desta investigação é discutir o conhecimento e o comportamento de idosos quanto ao risco e à prevenção diante das infecções sexualmente transmissíveis. Estudo quantitativo, descritivo e transversal realizado no município de Teresópolis/RJ, no ano de 2021. Os participantes foram cinquenta idosos cadastrados em uma Unidade de Saúde da Família. Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário estruturado autoaplicável. Entre os participantes, mais da metade é do sexo masculino, com faixa etária entre 60 e 65 anos, casados, autodeclarados brancos, católicos, com nível de escolaridade fundamental incompleto. Mais da metade não recebeu orientações de profissionais de saúde com relação à prevenção e referiram o uso da televisão como forma de adquirir informação. Quanto ao conhecimento, a maioria refere desconhecer o que seja uma doença transmitida pelo sexo, não utilizam preservativo e reconhecem o risco de contágio. Este estudo evidenciou que a população idosa enfrenta barreiras no tocante a sua sexualidade e que entre os fatores associados à suscetibilidade às infecções estão: baixa escolaridade, conhecimento limitado sobre contágio e prevenção e pouca adesão ao uso do preservativo. Conclama-se por campanhas educativas e pela participação efetiva dos profissionais de saúde no cuidado integral a fim de minimizar danos à saúde sexual dos idosos.

Palavras-chave: Idosos; Infecções sexualmente transmissíveis; Comportamento sexual.

Abstract

The population is in the process of aging and with the maintenance of sexual practices, the risk of acquiring Sexually Transmitted Infections becomes high. The objective of this investigation is to discuss the knowledge and behavior of the elderly regarding the risk and prevention of sexually transmitted infections. Quantitative, descriptive and cross-

sectional study carried out in the city of Teresópolis/RJ, in the year 2021. The participants were fifty elderly people registered in a Family Health Unit. For data collection, a structured self-administered questionnaire was used. Among the participants, more than half are male, aged between 60 and 65 years, married, self-declared white, Catholic, with incomplete elementary schooling. More than half did not receive guidance from health professionals regarding prevention and mentioned the use of television as a way of acquiring information. As for knowledge, the majority report not knowing what a sexually transmitted disease is, they do not use condoms and recognize the risk of contagion. This study showed that the elderly population faces barriers regarding their sexuality and that among the factors associated with susceptibility to infections are: low education, limited knowledge about contagion and prevention and poor adherence to condom use. We call for educational campaigns and for the effective participation of health professionals in comprehensive care in order to minimize damage to the sexual health of the elderly.

Keywords: Elderly; Sexually transmitted infections; Sexual behavior.

Resumen

La población se encuentra en proceso de envejecimiento y con el mantenimiento de las prácticas sexuales, el riesgo de adquirir Infecciones de Transmisión Sexual se vuelve alto. El objetivo de esta investigación es discutir el conocimiento y el comportamiento de los ancianos sobre el riesgo y la prevención de infecciones de transmisión sexual. Estudio cuantitativo, descriptivo y transversal realizado en la ciudad de Teresópolis/RJ, en el año 2021. Participaron cincuenta ancianos registrados en una Unidad de Salud de la Familia. Para la recolección de datos se utilizó un cuestionario estructurado autoadministrado. Entre los participantes, más de la mitad son del sexo masculino, con edad entre 60 y 65 años, casados, blancos autodeclarados, católicos, con escolaridad primaria incompleta. Más de la mitad no recibió orientación de los profesionales de la salud en materia de prevención y mencionó el uso de la televisión como medio de adquisición de información. En cuanto al conocimiento, la mayoría refiere no saber qué es una enfermedad de transmisión sexual, no utiliza preservativo y reconoce el riesgo de contagio. Este estudio mostró que la población anciana enfrenta barreras con respecto a su sexualidad y que entre los factores asociados a la susceptibilidad a las infecciones se encuentran: baja escolaridad, limitado conocimiento sobre contagio y prevención y poca adherencia al uso del preservativo. Llamamos a campañas educativas ya la participación efectiva de los profesionales de la salud en la atención integral para minimizar los daños a la salud sexual de los adultos mayores.

Palabras clave: Anciano; Infecciones de transmisión sexual; Comportamiento sexual.

1. Introdução

O envelhecimento populacional tornou-se um fenômeno universal. De forma expressiva, o número de idosos tem aumentado, o que gera a necessidade de investimento em atenção especializada em saúde para este ciclo de vida (Reis, 2020).

Estima-se que até 2060, no Brasil, haverá um crescimento de 20% de pessoas idosas, com inversão da pirâmide etária. Um brasileiro nascido em 2019, por exemplo, apresenta expectativa de viver, em média, até os 76,6 anos, se comparado com os dados de 1940, esse índice aumentou 31,1 anos, demonstrando que a população está em franco processo de envelhecimento. Em homens, a média de anos vividos é de 73,1 anos e para as mulheres é de 80,1, ou seja, a longevidade feminina é sete anos acima da dos homens (IBGE, 2020; Silva Alas, 2018), o que nos faz refletir a importância da promoção da saúde e prevenção de agravos para os brasileiros.

O processo de envelhecimento é sequencial, acumulativo, irreversível, caracterizado por modificações em um organismo maduro, que ocorre sem idade definida, dependendo da disposição em relação à qualidade de vida (Brasil, 2006; Theis & Gouvêa, 2019).

Para a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa a meta é promover o envelhecimento ativo, o que significa envelhecer mantendo a capacidade funcional e a autonomia (Brasil, 2006). A Lei 10.741/2003, que institui o Estatuto do Idoso, reconhece o direito das pessoas idosas ao bem-estar físico, social e mental, participação na sociedade, ao mesmo tempo que propicia proteção, segurança e cuidados (Brasil, 2003; WHO, 2005).

A sexualidade na terceira idade está relacionada a mitos e tabus, de forma que a sociedade reconhece os idosos como pessoas assexuadas, não atraentes, desgastadas e negativas, incapazes de ter relação sexual (Alencar *et al.*, 2014; Almeida & Lourenço, 2008). Devido aos avanços tecnológicos, tem se mantido mais ativos, inclusive em relação às práticas sexuais, que ocorre de maneira desprotegida, não adotando o uso de preservativos como métodos de prevenção, assim estando suscetíveis às infecções sexualmente transmissíveis (IST) (Laroque *et al.*, 2011).

Sobre a vulnerabilidade de idosos às IST, indicam-se fatores como a baixa autopercepção de risco, a adoção de práticas sexuais inseguras, a dispensa da abordagem preventiva pelos profissionais de saúde (Andrade et al., 2017; Rosa et al., 2021). Torna-se, portanto, necessária uma análise de como o idoso tem vivido na sociedade contemporânea e quais são os desafios encontrados ainda hoje, no que se remete à sua vida sexual (Reis, 2020).

O Boletim Epidemiológico do HIV/Aids (Brasil, 2019) registrou aumento da taxa de detecção de casos de Aids entre os indivíduos a partir dos 60 anos de idade, entre 2008 e 2018, enquanto os demais grupos etários registraram redução dessa taxa. A Secretaria Nacional de Vigilância em Saúde aponta para o incremento da taxa de detecção de sífilis adquirida no ano de 2020, em torno de 35,0 casos por 100 mil habitantes, entre a faixa etária maior de 50 anos (Brasil, 2021).

Entre os fatores e circunstâncias que motivaram a realização deste estudo estão: aumento da longevidade das pessoas e crescimento da população idosa no país; crescimento da prevalência entre a população idosa com diagnóstico de IST; a persistência de entendimento social do idoso como ser assexuado, prática de sexualidade silenciosa exposta a riscos; e a comprovação na literatura sobre a vivência da sexualidade e riscos de contaminação por IST entre pessoas idosas (Andrade et al., 2017; Reis, 2020; Theis & Gouvêia, 2019).

A partir do exposto, questiona-se quais conhecimentos e comportamentos interferem na prevenção das infecções sexualmente transmissíveis (IST) em idosos? O objetivo do presente artigo é discutir o conhecimento e o comportamento de idosos quanto ao risco e à prevenção diante das infecções sexualmente transmissíveis.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo quantitativo, descritivo, e transversal, o que possibilita a relação entre os fenômenos, identificação, análise e compreensão de diferentes questões que permeiam a saúde da população (Polit & Beck, 2019).

O estudo ocorreu no município de Teresópolis/RJ, localizado na Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro, com população estimada de 184,240 habitantes (IBGE, 2021) e com cobertura de 50,4% de Atenção Primária à Saúde e 32,1% de Estratégia Saúde da Família.

A amostra foi constituída por 50 participantes com idade igual ou superior a 60 anos, de ambos os sexos, devidamente cadastrados em Unidades de Saúde da Família, que aceitaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos sete indivíduos com diagnóstico clínico de alterações cognitivas e/ou demências, relatadas pelo profissional da saúde e pelo acompanhante do idoso, e que, subjetivamente, demonstraram dificuldade de compreensão e/ou resposta incoerente.

A abordagem foi realizada de forma individual e durou em média 10 minutos, durante a permanência do idoso na Unidade de Saúde da Família do município de Teresópolis, em local reservado para a sua privacidade. A pesquisa considerou a organização do serviço de saúde, principalmente no âmbito da atenção primária, gerando um grupo amostral heterogêneo, diante dos diversos atendimentos que acontecem no cenário, principalmente ligados à demanda espontânea.

A coleta de dados ocorreu entre os meses de maio e julho de 2021, com a utilização de um questionário autoaplicável por ser considerado menos intimidatório e embaraçoso em estudos relacionados com a sexualidade. O instrumento de pesquisa foi composto por 20 perguntas fechadas, dividido em duas partes: a primeira parte referente ao perfil sociodemográfico (gênero, faixa etária, estado civil, escolaridade, raça e renda familiar) e a segunda, com questões sobre conhecimento e comportamento diante das infecções sexualmente transmissíveis,

Os dados foram tabulados e analisados no programa Excel[®] versão 2019, sendo utilizadas técnicas de estatística descritiva, com frequências absolutas e relativas dos resultados. Posteriormente, elaborou-se tabelas com o intuito de promover melhor interpretação dos achados do estudo.

A pesquisa foi aprovada no ano de 2021, pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Serra dos Órgãos - UNIFESO, conforme Parecer nº 4.694 e atende as determinações da Resolução 466 de 2012 e 2011 e nº 510 de 7 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde.

3. Resultados

A caracterização sociodemográfica dos participantes demonstra que a maioria dos idosos encontra-se na faixa etária entre 60 e 65 anos (46%), sendo 56% do sexo masculino e 44% do sexo feminino. O estado civil na maioria é de casados (58%), seguido de viúvos (16%), solteiros (14%) e divorciados (12%). Com relação à cor, 52% autodeclararam-se branca, 32%, pardo e preta, 16%. Quanto à religião, 62% declararam-se católicos, 34% evangélicos e ateus, 4%. No que tange à escolaridade, 60% possuem o ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo, 24%, analfabeto, 4% e ensino médio completo 2% (Tabela 1).

Tabela 1 - Caracterização dos idosos segundo variáveis sociodemográficas, n=50. Teresópolis, Rio de Janeiro, 2021.

Variáveis	N	%
Sexo		
Feminino	22	44
Masculino	28	56
Idade		
60-65 anos	23	46
66-70 anos	9	18
70-75 anos	11	22
Acima de 75 anos	7	14
Estado Civil		
Solteiro	7	14
Casado	29	58
Divorciado	6	12
Viúvo	8	16
Cor		
Branca	26	52
Parda	16	32
Preta	8	16
Religião		
Ateu	2	4
Católica	31	62
Evangélica	17	34
Escolaridade		
Analfabeto	2	4
Ensino Fundamental Completo	12	24
Ensino Fundamental Incompleto	30	60
Ensino Médio Completo	1	2
Ensino Médio Incompleto	2	4
Ensino Superior Incompleto	2	4
Ensino Fundamental Completo	1	2
Total	50	100

Fonte: Autores.

Na temática sexualidade, 82% dos idosos não foram orientados por profissionais da saúde. Em relação ao meio de informação, 40% buscaram a televisão, 28%, amigos, 12%, profissionais da saúde, 10%, rádio e 10%, internet.

O comportamento sexual apresentado na Tabela 2 compara a diferença entre os sexos nos últimos 12 meses: entre os homens, 89,3% dizem-se heterossexuais e 10,7% afirmam não ter tido relações sexuais nesse período. Já as mulheres 50% são heterossexuais, 45,5% não tiveram relações sexuais e 4,5% relacionaram-se homossexualmente. Ao analisar o número de parcerias sexuais, observa-se a prática monogâmica entre as mulheres (100%) e entre os homens (85,7%), sendo que 7,1% do público masculino relata duas parcerias sexuais ou mais (poligamia).

Em relação à frequência do uso do preservativo, 50% alegam nunca utilizar (homens e mulheres), 38% às vezes utilizam e 12% sempre usam, não havendo diferença significativa entre os sexos. Entre os motivos para não utilização do preservativo, 46% não acham necessário, 24% não responderam, 20% não gostam e 10% não sabem usar (Tabela 2).

Tabela 2 - Comportamento sexual dos idosos participantes do estudo, n=50. Teresópolis, Rio de Janeiro, 2021.

	FEMININO		MASCULINO		TOTAL	
	n	%	n	%	N	%
Tipo de parceria sexual						
Não teve relações sexuais	10,0	45,5	3,0	10,7	13,0	26,0
Somente homens	11,0	50,0	0,0	0,0	11,0	22,0
Somente mulheres	1,0	4,5	25,0	89,3	26,0	52,0
Nº de parcerias nos últimos 12 meses						
Nenhum	10,0	45,5	3,0	10,7	13,0	26,0
1 parceria	11,0	50,5	24,0	85,7	35,0	70,0
2 parcerias ou mais	0,0	0,0	2,0	7,1	2,0	4,0
Frequência de uso do preservativo						
Às vezes	7,0	31,8	12,0	42,9	19,0	38,0
Nunca	12,0	54,5	13,0	46,4	25,0	50,0
Sempre	3,0	13,6	3,0	10,7	6,0	12,0
Motivo de não usar preservativo						
Não acha necessário	10,0	45,5	13,0	46,4	23,0	46,0
Não gosta	2,0	9,1	8,0	28,6	10,0	20,0
Não sabe usar	4,0	18,2	1,0	3,6	5,0	10,0
Sem resposta	6,0	27,3	6,0	21,4	12,0	24,0
Total	22,0	100,0	28,0	100,0	50,0	100,0

Fonte: Autores.

No que se refere à percepção de risco, (Tabela 3) 94% dos idosos se reconhecem como expostos a adquirir uma IST, e 72% justificam pelo não uso de preservativo e 22% por ter mais de uma parceria sexual, informação discrepante com maior porcentagem do que a referida na pergunta anterior sobre o número de parcerias.

Tabela 3 - Conhecimento e percepção dos idosos sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis, n= 50. Teresópolis, Rio de Janeiro, 2021.

	FEMININO		MASCULINO		TOTAL	
	n	%	n	%	N	%
Conhecimento sobre IST						
Não	14,0	63,6	7,0	25,0	21,0	42,0
Sim	8,0	36,4	21,0	75,0	29,0	58,0
Reconhece risco de adquirir IST						
Não	1,0	4,5	2,0	7,1	3,0	6,0
Sim	21,0	95,5	26,0	92,9	47,0	94,0
Motivo associado ao risco de IST						
Mais de uma parceria sexual	4,0	18,2	7,0	25,0	11,0	22,0
Não utilizar camisinha	17,0	77,3	19,0	67,9	36,0	72,0
Não acredita ter risco	1,0	4,5	2,0	7,1	3,0	6,0
Diagnóstico anterior de IST						
Não	21,0	95,5	22,0	78,6	43,0	86,0
Sim	1,0	4,5	6,0	21,4	7,0	14,0
Dificuldade em falar sobre o assunto						
Não	16,0	72,7	25,0	89,3	41,0	82,0
Sim	6,0	27,3	3,0	10,7	9,0	18,0
Vida sexual depois dos 60 anos						
Melhor do que antes	7,0	31,8	4,0	14,3	11,0	22,0
Não percebeu mudanças	8,0	36,4	8,0	28,6	16,0	32,0
Pior do que antes	7,0	31,8	16,0	57,1	23,0	46,0
Total	22,0	100,0	28,0	100,0	50,0	100,0

Fonte: Autores.

Apesar de reconhecerem o risco, 42% afirmam não ter conhecimento sobre as IST e 14% já tiveram diagnóstico anterior — entre as citadas, estão gonorreia e sífilis.

Ao serem questionados sobre a experiência sexual na terceira idade, 46% avaliaram como pior se comparada à prática anterior aos 60 anos, 32% não perceberam diferença e 22% afirmam ter maior satisfação.

4. Discussão

A instituição casamento está presente na vivência da maioria dos participantes, o que, segundo o estudo de Goulart et al. (2019), repercute na saúde física e emocional dos idosos, em que as relações sexuais e o amor são considerados motivos que influenciam na satisfação, manutenção e/ou conflito do matrimônio. De acordo com Souza Júnior et al. (2022), os idosos que iniciaram seus relacionamentos na juventude e convivem com seus cônjuges até a velhice, facilitam a instalação da rotina e comodismo em sua sexualidade.

A maioria dos participantes deste estudo são monogâmicos, heterossexuais e não adeptos ao uso de preservativos, condições que são influenciadas pela prática religiosa católica e evangélica predominante no município de Teresópolis. É por meio da moralidade e dos preceitos religiosos que se faz necessária a aproximação dos discursos doutrinários com os estudos baseados em evidências científicas. A influência da religião nas práticas sexuais pode atuar como um fator de proteção ao estimular a abstinência sexual, sexo depois do casamento e menores números de parcerias sexuais, ou favorecer o risco de IST, ao desaconselhar o uso de preservativos e evitar discussões sobre sexo ou sexualidade em seus espaços de convivência. (Cortes et al., 2021).

O nível de escolaridade demonstrou-se baixo, o que interfere no conhecimento, na prática do sexo seguro e na exposição (Brito et al., 2016; Caetano et al., 2018; Castro, 2020). Os dados evidenciaram a ausência dos profissionais de saúde

em dialogar com idosos sobre a vida sexual/sexualidade, fator esse que favorece o risco de IST nessa faixa etária, por diminuir ações de prevenção que deveriam ser realizadas (Carvalho Ferreira et al., 2021). Grande parte dos idosos (50%) afirmaram obter acesso às informações sobre prevenção de IST através de rádios e televisão, entretanto Dias et al. (2021) comentam não haver reforço na mídia sobre essas infecções voltadas para o público idoso.

São predominantes estigmas e discriminação da sociedade, e também dos serviços de saúde, entre os idosos e a adesão ao uso de preservativo (De Sousa et al., 2020). A prática sexual de forma segura é uma das medidas mais eficazes na prevenção de IST. Pesquisa realizada com indivíduos com mais de 60 anos identificou que apenas 3% das mulheres e 18% dos homens os utilizam em suas relações, observando-se comportamento com maior risco de contágio (Silva; França & Hernandez, 2017).

Entre as justificativas de resistência ao uso do preservativo, estão o constrangimento na hora de adquirir, inclusive nos serviços de saúde pública em que são distribuídos no dispensador, o desconhecimento de como usá-lo, e por considerarem uma prática desnecessária, uma vez que não se encontram mais em período fértil (Do Monte et al., 2021; Amaral et al., 2020; Caetano et al., 2018).

A adesão ao uso do preservativo engloba aspectos culturais em idosos. Também há dificuldades na adaptação, pois, em uma temporalidade, no início de suas vidas sexuais, as camisinhas eram confeccionadas de borracha, pouco ofertadas e com preços elevados. Homens nas faixas etárias mais precoces dizem ser mais receptivos ao uso, entretanto a incidência de HIV, sífilis e outras IST continua alta (Nascimento et al., 2017).

Historicamente as relações de gênero estabeleceram-se desiguais, com a dominação masculina e a subordinação feminina, cujo papel da mulher era apenas de servir ao marido e à procriação dos filhos. Nesse contexto, há dificuldade em negociar o uso de preservativo com um parceiro (Rodrigues et al., 2018). Neste estudo, o alto índice de rejeição ao método está associado à fidelidade, não gostar do uso por diminuição do prazer e achar que o parceiro não transmite doença (Santos, 2020; Dias et al., 2021).

A literatura revela que as relações desiguais entre os sexos se traduzem em maior vulnerabilidade para as mulheres. A ideia de imunidade relacionada à confiança, amor romântico, foi mais presente nas mulheres deste estudo, que acreditam que, ao manter relação sexual com um parceiro apenas, elimina-se o risco de se contaminar, e solicitar a utilização do preservativo pode provocar a desconfiança (Ribeiro et al., 2019; Andrade et al., 2017).

Indivíduos que possuem múltiplas parcerias sexuais estão mais suscetíveis a infecções. Na pesquisa de Ferreira & Silva (2021), 61% dos idosos portadores de HIV mantinham relações sexuais com parceiros eventuais.

Diferentemente de Amaral et al. (2020), a maioria dos participantes consideram-se vulneráveis para adquirir uma IST. É primordial que os idosos reconheçam as formas de transmissão e do sexo seguro, uma vez que a falta de conhecimento e a baixa escolaridade podem levar ao adoecimento, diagnóstico e tratamento tardio, daí a importância da assertividade das ações educativas em saúde no cotidiano da prática de cuidar e de seu autocuidado.

Estratégias de educação em saúde como palestras e rodas de conversa podem favorecer o reconhecimento dos idosos do seu risco de contrair infecções sexualmente transmissíveis, assim como a capacitação de profissionais para uma melhor assistência (Albino Filho et al., 2021).

A satisfação do exercício da sexualidade precisa ser compreendida como direito, estando essa entre uma das necessidades básicas e parte indissociável do ser humano, que independe da idade (Aguiar et al., 2020).

5. Considerações Finais

O estudo evidenciou que a população idosa enfrenta barreiras no reconhecimento da sua sexualidade e refere que, entre os fatores associados à suscetibilidade de adquirir IST, estão: baixa escolaridade, conhecimento limitado sobre contágio e prevenção das infecções transmitidas pelo sexo e pouca adesão ao uso do preservativo.

Faz-se mister subsidiar o cuidado integral, com diálogo e orientação, a fim de minimizar danos à saúde sexual dos idosos, resultados que conclamam para que os órgãos governamentais promovam campanhas educativas, nas mídias sociais e televisivas, e a participação efetiva dos profissionais de saúde.

Considera-se o tipo da amostra por conveniência um fator limitante, pois os dados não devem ser generalizados, uma vez que os resultados encontrados relacionam-se apenas para a população em questão.

Continuamente deve-se abordar essa temática em novos estudos e na assistência, como meio de reduzir os tabus e pré-julgamentos sobre a sexualidade dos idosos, de forma que os serviços de saúde possam repensar o idoso numa perspectiva não apenas física, mas também social, mental e sexual.

Não importa o termo utilizado: velhice, melhor idade, envelhecimento, terceira idade, velho ou sênior, todos referem-se a pessoas depois dos 60 anos, que têm direitos e são corresponsáveis pelos riscos de uma vida sexual ativa.

Referências

- Aguiar, R. B., Leal, M. C. C., & Marques, A. P. O. (2020). Conhecimento e atitudes sobre sexualidade em pessoas idosas com HIV. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(6), 2051-2062.
- Albino Filho, M. A., Bordin, S. A. M., Buriola, A. A., Batista, K. Z. S., Biadola, A. P., Costa, S. M., & Rodrigues, M. V. P. (2021). Representações sociais e perfil sorológico para sífilis adquirida em idosos de uma região de vulnerabilidade no Brasil. *Research, Society and Development*, 10(7), e0810716091-e0810716091.
- Alencar, D. L. *et al.* (2014). Fatores que interferem na sexualidade de idosos: uma revisão integrativa. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(8), 3533-3542.
- Almeida, T., & Lourenço, M. L. (2008). Amor e sexualidade na velhice: direito nem sempre respeitado. *RBCEH – Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento*, Passo Fundo, 5(1), 130-140.
- Amaral, S. V. A. *et al.* (2020) Conhecimento e comportamento de um grupo de idosos frente às infecções sexualmente transmissíveis. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 12(9), e3891-e3891.
- Andrade, J. *et al.* (2017). Vulnerabilidade de idosos a infecções sexualmente transmissíveis. *Acta Paulista de Enfermagem*, 30(1), 8-15.
- Assis, M. (2004). *Promoção da Saúde e Envelhecimento: avaliação de uma experiência no ambulatório do Núcleo de Atenção ao Idoso da UnATI / UERJ*. [Tese de doutorado em Saúde Pública]. Escola Nacional de Saúde Pública, FIOCRUZ, Rio de Janeiro.
- Brasil (2003). Estatuto do idoso: lei federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003. Brasília, DF.
- Brasil. Ministério da Saúde (2006). Portaria nº 2.528 de 19 de outubro de 2006. Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Brasília: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, 2006.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2021) Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Articulação Estratégica de Vigilância em Saúde. Guia de Vigilância em Saúde [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde – 5. ed. rev. – Brasília.
- Brito, N. M. I. *et al.* (2016). Idosos, infecções sexualmente transmissíveis e aids: conhecimentos e percepção de risco. *ABCS Health Sciences*, 41(3), 140-145.
- Caetano, K. S., Oliveira, G. K. A., Santos, G. F., de Sá Barros, P., de Souza, M. R., & Borges, C. J. (2018). HIV/AIDS: conhecimento, atitude e prática da pessoa idosa. *Itinerarius Reflectionis*, 14(4), 01-21.
- Carvalho Ferreira, L., da Silva, M. B., Caldeira, A. G., & de Andrade Aoyama, E. (2021). Fatores associados ao aumento de infecções sexualmente transmissíveis em idosos. *Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde*.
- Castro, T. L. (2020). *Vulnerabilidades dos idosos às IST/HIV/AIDS em uma região de fronteira*. [Trabalho de Conclusão de Curso em Enfermagem]. Universidade Federal do Amapá, Oiapoque.
- Cortes, H. M. *et al.* (2021). Sexualidade e Religiosidade: uma revisão integrativa de literatura. *Research, Society and Development*, 10(2), 1-11.
- Dias, L. M. F. *et al.* (2021). Percepção da população idosa sobre o HIV/AIDS: uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, 10(13), 1-9.
- Do Monte, C. F., do Nascimento, L. C., de Brito, K. P. S. S., de Lima Batista, A. S., Ferreira, J. S., da Silva Campos, L., ... & Ferreira, A. F. (2021). Idosos frente a infecções sexualmente transmissíveis: uma revisão integrativa. *Brazilian Journal of Health Review*, 4(3), 10804-10814.

- Ferreira, L. C. *et al.* (2021). Fatores associados ao aumento de infecções sexualmente transmissíveis em idosos. *Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde*, Brasília, 3(2), 22-28.
- Goulart, S. A. *et al.* (2019). Fatores relacionados aos casamentos de longa duração: panorama a partir de uma revisão integrativa. *Psico*, 50(2), 1-13.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2020). Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. *Tábua completa de mortalidade para o Brasil – 2019: Breve análise da evolução da mortalidade no Brasil*. IBGE, Rio de Janeiro
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2021) <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/teresopolis/panorama>
- Laroque, M. F. *et al.* (2011). Sexualidade do idoso: comportamento para a prevenção de DST/AIDS. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, 32(4), 774-780.
- Nascimento, E. G. C. D., Fernandes Cavalcanti, M. A., & Alchieri, J. C. (2017). Adesão ao uso da camisinha: a realidade comportamental no interior do nordeste do Brasil. *Revista de Salud Pública*, 19, 39-44.
- Polit, D.F., & Beck, C. T. (2019). Fundamentos de pesquisa em enfermagem: avaliação de evidências para a prática da enfermagem. (9a ed.), Artmed, Porto Alegre.
- Reis, I. (2020). *Idosos e infecções sexualmente transmissíveis: um desafio para a prevenção*. *Brazilian Journal of Health Review*, 3(2), 1663-1675.
- Ribeiro, M. S. F. G. (2019). Modelo de cuidado de enfermagem para famílias em experiências transicionais diante da sífilis congênita. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Biociências.
- Rodrigues, D. M. M. R. *et al.* (2018). O percurso educativo dialógico como estratégia de cuidado em sexualidade com idosas. *Escola Anna Nery*, 22(3), 1-7.
- Rosa, R. J. S., Viana, A. E. L. G., Moura, L. V. C., da Silva, E. S. P., & Dias, Q. de A. (2021). *Infecções sexualmente transmissíveis em idosos: revisão integrativa da literatura*. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 13(12), e9052-e9052.
- Santos, F. M. G. dos, Monteiro, I. O. P. M., Carvalho, K. M., dos Santos, R. S. P., Martins, T. P. M. & Lobo, M. R. G. L. (2020). Idoso e HIV: um desafio para o enfermeiro nas estratégias de prevenção. *BIUS-Boletim Informativo Unimotrisaúde em Sociogerontologia*, 15(9), 1-10.
- Silva, A. L. A. S., Capucho, A. M. C. C., Lage, F. C. & Aquino, R. A. B. (2018). *Cartilha Direitos Humanos das Pessoas Idosas*. 1–12
- Silva, L. A., França, L. H. F. P., & Hernandez, J. A. E. (2017). Amor, atitudes sexuais e índice de risco às DST em idosos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 17(1), 323-342.
- Souza Júnior, E. V. *et al.* (2022). Efeitos da sexualidade na fragilidade e qualidade de vida da pessoa idosa: estudo seccional. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 75(1), 1-9.
- Theis, L. C., & Gouvêa, D. L. (2019). Percepção dos idosos em relação a vida sexual e as infecções sexualmente transmissíveis na terceira idade. *Revista Brasileira de Ciências da Saúde*, 23(2), 197-204.
- WHO. World Health Organization. (2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Tradução de Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 14.